



# janelas

[ CAROL GARCIA ]

Jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e doutoranda no mesmo programa. Diretora científica da Modus Marketing e Semiótica com vasta experiência internacional como *cool hunter*. Repórter especial de *L'Officiel Brasil*. Co-autora do livro *Moda é Comunicação: experiências, memórias, vínculos* (São Paulo, Anhembi Morumbi, 2005).

E-mail: [carol.garcia@modusmkt.com](mailto:carol.garcia@modusmkt.com)

[ 19 ]

## Dados esparsos sobre uma constelação de aromas e lembranças

(...) se destacavam as mulatas de camisa de rendas, impregnada de trevo e piri-pioca, perfumes fortes que lhe excitavam o temperamento sensual, dando-lhe o antegosto numa infinidade de prazeres.

Inglês de Souza, *O Missionário*, 1899

O perfume de Piri-piri apaixonava as cunhatãs da aldeia. Ninguém fazia mais sucesso na mata do que esse guerreiro, tão vaidoso quanto arredio. Entediado com a perseguição constante, de vez em quando o conquistador desaparecia em meio a uma nuvem de fumaça. Algumas cunhatãs, preocupadas com seu desaparego ao compromisso, decidiram amarrá-lo com os próprios cabelos. Finalmente, conseguiram dormir ao lado dele. Quando acordaram, contudo, o bonitão havia sumido para sempre. No chão, exalando seu perfume, havia uma planta diferente. O pajé contou-lhes que Piri-piri tinha subido aos céus e se transformado em Arapari, as Três Marias da constelação de Orion.

Talvez essa seja a razão pela qual muitos povos acreditam se conectar com os deuses por meio da fumaça. Aquela vinda do latim *per fumum*, que em bom português tornou-se perfume. O fato é que a planta foi batizada com o nome do guerreiro: virou

piripiri-oca, ou "a casa de Piripiri". E, dali para frente, as moças espertas usaram o aroma de priprioica para entontecer o coração dos homens. Cultivada nos quintais dos caboclos, ralada ou raspada com língua seca de pirarucu, é ingrediente importante de banhos-de-cheiro anunciados e vendidos nas ruas e igarapés. "*Cheiro cheiroso! Cheiro cheiroso para o banho de cuia!*"

Bem no centro de Belém, uma perfumaria emprestou não só o nome da constelação, como também o aroma inebriante do guerreiro, para capturar corações com essas imagens olfativas exóticas. Inspirada pelas lendas e tradições da região amazônica, a Orion abriu suas portas por volta de 1930. O desavisado que passa por ali mal percebe. Mesmo nas primeiras horas do dia, mais mansas pelos parâmetros de calor equinocial, é difícil vislumbrar a porta estreita. Ela apenas se insinua em meio ao burburinho agitado que permeia o casario português. A confusão cria condições delicadas, já que apenas um fiapo de sanidade isola as ruas barulhentas das prisões de ar condicionado. Por ali, a classe média é cachorro assustado. Reinam tipos bizarros, brejeiros, populares.

É preciso trazer à tona instintos abafados. Disfarçando a catinga suada dos pés apressados, os cheiros se misturam, inexoráveis, em frente à fachada azulejada de nobre ascendência portuguesa. Vale transformar perfumes acres em guia e deixar aromas vertiginosos se imporem nessa fuzarca. Pura Belém: vendida em tonéis, no atacado; em gotas, no varejo popular. Sempre baratinho e cheio de manha, esse aroma tentador de acidez irritante é cantado em prosa e verso desde que os portugueses trouxeram para Santa Maria de Belém do Grão-Pará a devoção a São João. Entre os lusitanos afamados estão os Gomes, fundadores da Perfumaria Orion. Pequena, com cara de mofo, à primeira vista pode não impressionar. Por isso mesmo, é um dos melhores segredos dessa cidade que, por si só, é uma perfumaria a céu aberto.

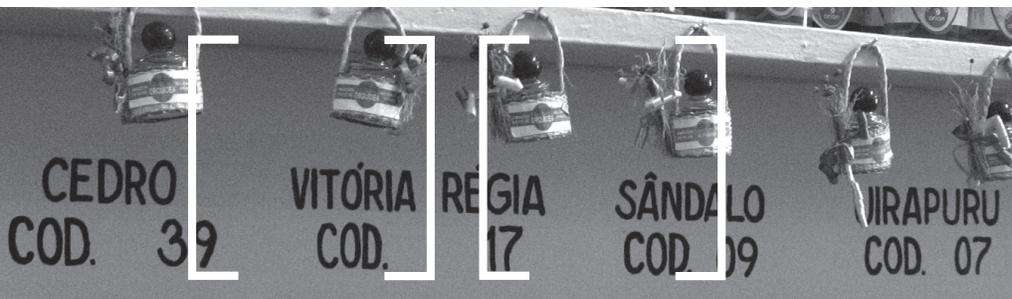
Permita-se guiar pelo nariz: é impossível deixar de perceber o odor que se derrama pelas portas do sobrado, característico e, por vezes, enjoativo. Pode entrar e, por favor, não repare na bagunça. Se ela impera na área aberta ao público, basta cruzar o umbral em direção à fábrica que o ambiente é bem outro. A aura de limpeza e tranquilidade da Orion é coisa rara de ser ver em qualquer lugar do mundo. Fabricante dos sabonetes Timbó e Orion, é de lá que saem também magníficos perfumes de sândalo, pau d'Angola, patchouli e, claro, priprioica. Preservada pelos ribeirinhos que substituíram as tribos ocupantes da bacia amazônica, a planta lendária é uma das estrelas da casa.

## Faxina na selva

As cestas perfumadas que antes circulavam pelas ruas hoje entram na receita de sachês e perfumes. A velha fábrica de essências mistura tudo, atenta aos movimentos dos pajés e às lembranças da população caiçara e ribeirinha. Não é preciso fechar os olhos para ser invadido: priprioica, patchouli, jasmim, alfazema... Tudo bem forte, claro, porque estamos numa clareira de asfalto em meio às lendas da floresta.

Mesmo abatidos pelo calor ou vencidos pelas emanções de suor, os compradores embarcam sem medo nos perfumes de trevo e de manjerona. Números não podem ser checados, mas é grande o emaranhado de gente. De longe se decifra: são comerciantes com encomendas dos cheiros consagrados por seu Manoel Gomes. As mercadorias, prontas para saltar da pequenina fábrica e singrar a cidade, escorregam por muitos antebraços, alguns vindos de regiões fronteiriças. Os nomes, tão intrigantes quanto exóticos, parecem seduzi-los ainda mais, consolidando itens como Uirapuru, Deo Selvagem Orion, Deo Feitiço Amazônico, Deo Alfazema Orion, Deo Francesa Orion e Cheiro do Pará. E os preços, baixos até para os parâmetros locais, compensam qualquer desvantagem. Bastam R\$ 4,50 para deixar a perfumaria com o famoso Cheiro do Pará nas mãos.

A Orion amanhece viva e vai desbotando conforme o passar do dia que, apesar de puxado, soma muitas vendas à vista. É incerto dizer que elas contribuem com as estatísticas da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), para a qual o setor vendeu um milhão e meio de toneladas de produtos em 2006. Seu Manoel fala pouco. Vive ocupado com a própria contabilidade



e vigiado de perto pelos muitos gatos que se assentam sobre barris de perfumes, ervas e especiarias. Herança de família. Os Gomes estão no local há tanto tempo que perderam a conta. Possivelmente, não celebraram o fato de que os produtos brasileiros chegaram a 132 países no ano anterior, com o crescimento das exportações superando a média mundial. Na verdade, preferem orgulhar-se de ter inventado seus próprios perfumes, e o mundo que venha atrás deles.

E vem mesmo. Embora o Cheiro do Pará não tenha marca registrada, o ramo é competitivo. A Natura acaba de instalar uma fábrica no interior, em Benevides; a Phebo foi adquirida pela Casa Granado; a Chamma da Amazônia tem quiosques em shoppings e aeroportos de todo o Brasil. Além disso, as mandingueiras e suas garrafas espalham-se no Ver-O-Peso. Mas o ponto da Orion foi conquistado pela passagem do tempo, aparentemente lento por aquelas bandas.

É claro que, para ajudar nessa empreitada, seu Manoel conta com os segredinhos da selva. Marilyn Monroe, que eternizou o Chanel Nº 5, provavelmente não sabia que seu perfume preferido continha linalol, substância extraída do pau-rosa, uma espécie da floresta amazônica. O pau-rosa (*Aniba rosaeodora*), árvore da Amazônia que quase desapareceu do Brasil depois de muito explorada pela indústria internacional de perfumes, foi e continua sendo fundamental para a cosmética regional. Uma entre muitas espécies. Darwin, aliás, adoraria saber que, desde a viagem do Beagle, os cientistas revêem seus números quando o assunto é quantificar plantas nativas da parte sul da América. Aparentemente, existem mais de 35 mil espécies de grande porte na Amazônia e muitas delas vêm parar nos caldeirões da Orion, como acontece com o pau-rosa. As raízes e cascas maceradas no fundo de garrafas de água de flor de laranjeira, exibidas e esfuziantes, disputam os sentidos com sabonetes que podem ser comprados a retalho, muitos vindos de Santarém.

Não são de assombrar, portanto, os resultados da pesquisa recentemente realizada em São Paulo pelo PROVAR (Programa de Administração de Varejo da Fundação Instituto de Administração – FIA), maior centro brasileiro de estudos sobre o mercado de consumo. Números superlativos revelam que 78% das 500 damas entrevistadas são fiéis às marcas dos produtos de beleza que consomem. A lealdade é assumida: 81% garantem que não trocam seus perfumes, xampus e cremes nem diante de um sofisticado design. De longe, os gatos sonolentos da Orion lambem as patas de satisfação.

[ 21 ]

VÁ LÁ:

**PERFUMARIA ORION (A. Gomes & Cia Ltda)**

Perfumaria em geral e cheiros da Amazônia. Fabricante dos famosos sabonetes Timbó e Orion e dos magníficos perfumes sândalo, Deo Selvagem Orion, Deo Feitiço Amazônico, Deo Alfazema Orion, Deo Francesa Orion, Sachets, Aromas, Cheiro do Pará, Sândalo, Pau D'Angola, Patchouly, Uirapuru e Priprioica.

Desde 1930.

Endereço: Travessa Frutuoso Guimarães, 270 – Belém – Pará

Fone: 0 XX (91) 3241-3726

Website indisponível. Sem Orkut.